Aleijadinho: dom, técnica e arte, à serviço da fé

 Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e suas obras

 Antonio Francisco Lisboa (\*29/8/1730 +18/11/1814), filho bastardo do português Manuel Francisco Lisboa (+1767), carpinteiro e mestre de obras, e sua escrava Isabel. Teria nascido na Aplicação do Bom Sucesso, próximo a Ouro Preto. Além de Antônio, Manuel Lisboa teve outros dois filhos com Isabel, os quais não foram reconhecidos em seu testamento redigido em 1766.

 Manuel Francisco Lisboa era casado com Antonia Maria de São Pedro, natural de Funchal, nos Açores, com quem teve quatro filhos legítimos: Maria da Conceição, Joaquina Francisca, Madalena Teresa de Jesus e Felix Antonio Lisboa.

 Felix tornou-se padre às custas do irmão bastardo (Aleijadinho), pois, era um de seus discípulos de esculturas, mas nunca conseguiu se destacar nem mostrar talento artístico. Mesmo assim deixou algumas obras, em baixo-relevo, policromadas, nas igrejas do Bom Jesus de Matozinhos e na de S. Francisco, ambas em Ouro Preto.

 Antonio Francisco Lisboa, em 15 de julho de 1750, aos vinte anos, ingressou-se no *Hospitium Hierusalemem* de Ouro Preto, onde, durante nove anos estudou e recebeu formação para integrar aos “*irmãos leigos professos da Ordem Terceira Franciscana, revestidos de hábitos em regime de comunidade religiosa*” e eram instruídos na “*gramática, latim, matemática, solfa, noções de filosofia e teologia, História sagrada*”. Além dessa formação teórica, havia também formação profissional em “*ofícios mecânicos, teórico e pratico aplicado na arte de carpintaria, arquitetura, pintura, escultura, serralheria, fundição, olaria, sapataria e alfaiataria*”.[[1]](#footnote-1) Num inventário de 1780, no “Hospitium” de Ouro Preto, constava em sua Biblioteca “*683 volumes, editados em português, latim, italiano, alemão, francês e espanhol, destacando-se 94 obras especializadas em arte, engenharia e ofícios mecânicos, inclusive bíblias e missais, incunábulos inestimáveis contendo gravuras sacras e profanas, reproduções de composições célebres que, certamente, serviam de fonte inesgotável de inspiração, tanto aos mestres como aos alunos*”.[[2]](#footnote-2)

 Antônio Lisboa, “*teve como mestres, os mais renomados profissionais de seu tempo: Frei Gaspar de Santa Tereza (formado em engenharia e arquitetura antes de ingressar na vida monástica); Luís Fernandes Calheiros (carpinteiro); Manuel Francisco Lisboa (pedreiro); João Gomes Batista (desenhista e gravador); José Pereira dos Santos (arquiteto) e Filipe Vieira (entalhador)*”.[[3]](#footnote-3)

 Em 26 de junho de 1759, aos 29 anos de idade, desligou-se dos Irmãos da Terra Santa, mas continuou com a sua maneira de trajar, “*simples e humilde, semelhante aos frades esmoleres: chapéu de feltro escuro, copa alta e aba larga, provido de barbicacho; estamenha marron de tecido rústico, comprida até o artelho e cingida, na cintura, por um cordão trançado, em cujas extremidades pedem os nós característicos da simbologia franciscana; crucifixo ao peito; casacão de lã, amplo e longo, com capuz preso à gola; alpargatas de atanado ou sapatorras de couro cru; e bordão de jacarandá ferrado na ponta, que lhe servia de amparo e arma de defesa pessoal.*”[[4]](#footnote-4)

 Aos poucos Antonio Francisco Lisboa tornou-se arquiteto e escultor famoso. Ganhava ½ oitava de ouro por dia (=1,794 gramos = 1$500,00 = ). Possuía duas casas residenciais e quatro escravos: Maurício: entalhador, Agostinho: entalhador, Januário: servente e carregador, e Ana Angola: doméstica.

 Parece-nos que seus primeiros trabalhos como autônomo foi no Sul de Minas. Pois, no testamento (9/6/1759) do cap. Antonio Viveiros de Oliveira, dentre outras declarações aparece: “*Declaro que Antonio Francisco Lisboa me deve dez mil réis os quais aplico para reparar a Capela de Nossa Senhora da Penha de França*”[[5]](#footnote-5), no Bairro da Boa Vista, na Freguesia de Pouso Alto-MG. O desejo do capitão era reformar a dita Capela que ele zelava desde 1737, porém, veio a falecer dez dias depois de redigir seu testamento e foi sepultado na mesma, em 19/6/1759.

 São muitas as obras de Aleijadinho e de sua Escola. As cidades que elas mais figuram são: Ouro Preto, São João Del Rei, Mariana, Barão de Cocais, Nova Lima (Congonhas do Sabará), Santa Luzia e Congonhas do Campo. Sabendo que em muitas outras cidades mineiras que nasceram nos Tempos Coloniais encontramos obras com características do Aleijadinho: portas, frontispícios, altares e imagens sacras. Há muitas obras dele no Sul de Minas e até no Vale do Paraíba Paulista.

 Quando esteve no Rio de Janeiro, 1766 e outras épocas, inclusive quando teve um filho natural com Narcisa Rodrigues da Conceição, cabra forra, chamado Manuel Francisco Lisboa (Neto), o qual foi batizado em 23/1/1777. Posteriormente, a mãe fez um apelo judicial e o menino foi reconhecido como filho. Mais tarde foi trabalhar com seu pai, nas Minas Gerais. E no censo de 31 de agosto de 1804, em Ouro Preto, ele aparece com 29 anos, pardo, escultor, casado com Joana Francisca de Araujo Correa, 34 anos, e o filhinho de um ano de idade. O casal residia como agregados da crioula Francisca Lopes Ferreira, 60 anos.

 Antônio Francisco Lisboa, geralmente, era alegre, participava de festas, gostava danças e farras. De acordo com os relatos de seus contemporâneos, ele “*era pardo escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada, e o gênio agastado: a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa, o cabello preto e annelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, lábios carnudos e nariz regular e algum tanto pont’agudo, os beiços grossos, as orelhas grandes, e o pescoço curto.*”[[6]](#footnote-6) Somente depois de 1777, quando retornou do Rio de janeiro, aos 47 anos de idade é que começou a manifestar a “zamparina”, doença que atacou o seu sistema nervoso e locomotor. “*Com o agravamento do mal, perdeu os dedos dos pés, condição que o obrigava a andar de joelhos, arrastando-se. Os dedos das mãos se atrofiaram, curvaram e caíram. Ele mesmo se mutilava, amputando-os quando as dores eram insuportáveis. Restaram-lhe apenas os polegares e indicadores.*”[[7]](#footnote-7) E para aliviar as dores tomava “cardina”, uma tintura analgésica, psicotrópica. Então, aos poucos foi se deformando e se tornando uma pessoa de aparência repulsiva. Ele, porém, com sua grande capacidade de percepção sabia muito bem interpretar as reações das pessoas que o viam. “*A consciência que tinha Antonio Francisco da desagradável impressão que causava sua physionomia, o tornava intolerante, e mesmo iroso para com os que lhe parecia observarem-o de propósito; entretanto era elle alegre e jovial entre as pessoas de sua intimidade.*”[[8]](#footnote-8)

 Nas atividades artísticas, feitas com tanta agilidade e genialidade, não gostava de ser observado. “*Nestas circunstâncias costumava a trabalhar ás occultas debaixo de uma tolda, ainda mesmo que houvesse de fazel-o dentro dos templos.*”[[9]](#footnote-9)

 “*Possuía um escravo africano de nome Maurício, que trabalhava como entalhador, e o acompanhava por toda a parte: era este quem adaptava os ferros e o macete ás mãos imperfeitas do grande escultor, que desde esse tempo ficou sendo geralmente conhecido pelo appellido de Aleijadinho. Tinha um certo aparelho de couro, ou madeira, continuamente applicado aos joelhos, e neste estado admirava-se a coragem e agilidade com que ousava subir pelas mais altas escadas de carpinteiro. Maurício era sempre meeiro com o Aleijadinho nos salários que este recebia por seu trabalho.*”[[10]](#footnote-10)

 Depois de trinta e seis anos de sofrimentos e deixando um legado incalculável de artes que as fazem o maior expoente do Barroco Mineiro, Aleijadinho veio a falecer. No Livro de Registro de Óbitos da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Ouro Preto, o coadjutor, Pe. José Carneiro de Moraes, assim escreveu e assinou: “*Aos dezoito de Novembro demil oito centos equatorze faleceo Antonio Francisco Lisboa pardo solteiro de Setenta eSeis annos comtodos os Sacramentos em comendado e Sepultado em cova da Boamorte, epara clareza fiz passar este assento emque me assigno. ------------- O Coajdºr Joze Carnrº de Moraes&&*”[[11]](#footnote-11)

 As Devoções Pessoais de Antonio Francisco Lisboa

 Antonio Francisco Lisboa, desde criança foi educado na fé cristã católica a partir da Piedade Popular.

 O governador Gomes Freire de Andrada, em 23 de julho de 1748, concedeu Carta de Sesmaria a “*Mel. Francisco Lisboa, q’ elle era Snr’ epossuidor de húa fazenda na Paraupeba da Boa Morte, trº da Vª de São Joze, Comcª do Rº das Mortes*”[[12]](#footnote-12), um lugarejo cuja padroeira era Nossa Senhora da Boa Morte. Local este, possivelmente, onde Antonio Lisboa foi criado e onde pode iniciar o cultivo de sua devoção Mariana desde criança. O pai, Manuel Lisboa, sempre esteve em destaque pela competência de mestre de obras. Em Ouro Preto, por exemplo, exerceu algumas funções à serviço da Câmara, tais como: mestre carpinteiro (1729), supervisor de carpinteiros (1736) e mestre de obras públicas (1755). Na catedral de Mariana, em 1753, tornou-se o responsável pelas adaptações da igreja e a instalação do órgão. De acordo com o seu registro de Óbito, o senhor Manuel Lisboa pertencia a quatro Irmandades: do Carmo, das Almas, dos Passos e do Santíssimo Sacramento, e em cova pertencente a esta Irmandade foi sepultado, dentro da matriz de Nossa Senhora da Conceição de Ouro Preto, em 08 de junho de 1767.[[13]](#footnote-13)

 Por conseguinte, Antonio Francisco Lisboa recebeu uma educação familiar, ainda que bastardo, a formação religiosa e profissional (com os Irmãos da Terra Santa) também ajudaram a sedimentar sua espiritualidade que se somou ao dom artístico e com técnica apurada. Por isso, suas obras artísticas, quando mantidas em suas posições originais, tem um conjunto que harmoniza: fé, catequese e arte.

 Antonio Francisco Lisboa pertencia a Irmandade dos Homens Pardos de Nossa Senhora da Boa Morte, da Matriz da Conceição de Antonio Dias, em Ouro Preto. Também pertencia a Irmandade dos Pardos de São José dos Bem-Casados, na qual se inscreveu em 4 de agosto de 1772.

 Havia Ritual Próprio da Festa Boa Morte

* Os altares de Nossa Senhora com o título da Boa Morte, inclusive os confeccionados por Antônio Lisboa, expressavam a sua Catequese sobre o mistério da Assunção de Maria. Geralmente, nos mesmos altares, na parte inferior ficava a imagem de Nossa Senhora, na dormição da morte, de mãos postas, vestida de branco como se fosse uma noiva, com sapatilhas nos pés e tiara na cabeça. Recordando o profeta Isaías: “*Transbordo de alegria no Senhor, a minha alma se exulta no meu Deus, porque Ele me vestiu com vestes de salvação, cobriu-me com o manto da justiça, qual noiva adornada com suas jóias*” (Is 61, 10). Na parte superior do mesmo altar ficava a imagem da Virgem Glorificada. O rito celebrado no altar da Boa Morte (Maria morreu com Dignidade): com intróito, rito penitencial e/ou cântico fúnebre *Maria Assumpta est*, criando um ambiente de espiritualidade piedosa e logo que a imagem do esquife era encerrada na parte inferior do altar, entoava-se o cântico do glória, solenemente, enquanto abria-se o cortinado da parte superior do altar, mostrando a imagem de Nossa Senhora na Glória, com os braços erguidos, de corpo e alma, glorificada perante Deus.

(*Nossa Senhora com o título das Dores*...)

 Assim sendo, podemos afirmar que a espiritualidade de Antonio Francisco Lisboa está profundamente arraigada na devoção popular, focada na Mariologia e na Cristologia, segundo as Escolas Teológicas da Colônia. Da mesma forma podemos afirmar a sua participação nas Irmandades e nos Sacramentos da Igreja.

 “*Ia á missa sentado em uma cadeira tirada de um modo particular por dous escravos, mas quando tinha de ir á matriz de Antonio Dias, a que estava contígua a casa em que residia, era levado ás costas de Januário.*”[[14]](#footnote-14)

 “*Durante o tempo em que esteve entrevado, freqüentes vezes apostrofava á Imagem do Senhor que tinha em seu aposento; e que tantas vezes havia esculpido, pedindo-lhe que sobre elle pozesse os seus Divinos Pés.*

 *É natural que então a vida de sua intelligência em grande parte consistisse em recordação de seu brilhante passado de artista, elle se transportaria muitas vezes em espírito ao Sanctuário de mattosinhos, para ler prophecias no semblante dos inspirados do Velho Testamento, cujas figuras tinham sido ali obradas por seu escopo, memorar nos Três Passos da Paixão que esculptara, a bondade e a resignação do Salvador, quando preso e osculado pelo Apostolo trahidor, a mais solemne das Ceias, ou a Instituição do Sacramento da Eucharistia, e a angustia da Victima Celestial constratando o Somno profundo e tranqüilo dos tres Apostolos no Horto de Gethsemanil.*”[[15]](#footnote-15)

 A meu ver, em Congonhas do Campo está o conjunto de obras de Antônio Francisco Lisboa (o Aleijadinho) que conclui e expressa toda a sua missão de artista. Vejamos como ele coloca em perspectivas artísticas os últimos dias da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. A começar pela última Ceia, seguida pela agonia e oração no Horto das Oliveiras, onde contrasta o pavor consciente de Jesus Cristo e a passividade sonífera dos três discípulos. Seguem então, os Passos da Paixão, que aos poucos vão se contrastando com a decepção dos discípulos – o susto dos populares e a gritaria agressiva dos algozes – com a serenidade e a força de Cristo. O Cristo que conduz a pesada Cruz (símbolo do mal encarnado na Humanidade), com a pequena figura do “bobo da corte” que vai a frente de Jesus (tocando flauta). Ao chegar nas escadarias do adro do Santuário deparamos com os Profetas que continuam com suas inspiradas palavras a recordar, a proclamar, a denunciar e apontar tudo o que estava nos Anúncios Proféticos. O Homem-Deus que fazia de tudo e a todo custo para nos Salvar. (*As lições proféticas*\*).E ao entrar no Santuário do Senhor Bom Jesus, acima do Altar mor, dois anjos apresentam um escudo com três cravos e em destaque o Crucificado, entre o Céu e a Terra, de abraços abertos, no seu último porto do Amor. Em cima das colunas jônicas, dois anjos com olhinhos saltitantes de curiosidades, e cada um com sua trombeta em mãos, com tamanha admiração e atenção, olham na direção da porta do Sacrário, onde o Ressuscitado (folheado a ouro) se apresenta surpreendentemente. No entanto, estas duas divinas criaturas, aguardam a cada celebração Eucarística, o sublime momento da Transubstanciação, quando o pão e o vinho tornarem-se o Corpo e o Sangue de Cristo, eles hão de anunciar com o toque das trombetas! Esta é a proclamação que o Ressuscitado faz ecoar eternamente: “*Eu venci o mundo!*”

 Eu, Irmão Maciel, não sou perito em artes, mas confesso que muito aprecio a arte presente no Barroco Mineiro. E ao observar algumas das muitas obras de Aleijadinho deparamos com o dom, a técnica e a arte: à serviço da fé. Portanto, a fé é alimentada pela devoção que se soma à doutrina católica; e esta, por sua vez, fortifica a nossa espiritualidade (modo de ser), mobiliza nossa ação (modo de agir), que se consumam em nossa missão cristã (ir ao encontro dos nossos semelhantes).

 Em suma, a autêntica arte religiosa e/ou sacra tem muito a nos ensinar!

 Ir. JMMaciel CSsR

 Nossa Senhora das Dores

 A devoção à Nossa Senhora com o título das Dores, em Minas Gerais, tem sua origem nas primeiras povoações formadas por mineradores, brasileiros e portugueses, no alvorecer do século XVIII. Em Portugal, esta devoção remonta ao século XII.

 Em Minas, a alta montanha entre Sabará (Pompéu) e Caeté, desde 1710, é conhecida como a “Serra da Piedade”. Lugar onde os devotos construíram (1716) uma capela, a qual tornou-se um Santuário frequentado, onde também se venera a maior representação do “Barroco Mineiro”, uma iconografia: Maria sentada ao pé da Cruz, com o Filho (em sua Humanidade) morto, nos braços.

 A fusão das culturas católicas, hebraicas, e outras, que chegavam às Minas do Ouro aos poucos foram se sedimentando. Logicamente, tendo ligames feitos pelos primeiros missionários (beneditinos, trinitários, franciscanos, dominicanos etc), padres seculares e leigos pertencentes as Irmandades. Dentre os músicos profissionais podemos citar: Manuel Lopes de Siqueira (1661-1718), Pe. Faustino do Prado Xavier (1708-1800), Manoel Dias de Oliveira (1738-1813), Francisco Gomes da Rocha (1746-1808), José Joaquim E. Lobo de Mesquita (1746-1805),

 Em Minas, a Semana Santa já ganhava grandes proporções em 1725, com procissões e celebrações solenes. Com cenários, figurantes, músicas e outros aparatos. E a grande Semana era antecedida com a “Semana das Dores”, quando, durante sete dias (de domingo à sábado), às vésperas do Domingo de Ramos encerrava-se esta Semana piedosa, em que se rezava e meditava as “Sete Dores” de Maria Santíssima, uma a cada dia, à noite, com rito próprio, motetos, súplicas, sermões e orações.

 Antônio Francisco Lisboa (1730-1814), adequando as tradições religiosas mineiras, confeccionou diversas imagens de Nossa Senhora das Dores, com sete espadas postiças, encravadas no peito, para facilitar o ritual e a visualização dos fiéis. Pois, a cada dia e a cada “Dor” meditada, era retirada uma das espadas até completar as sete, durante aquela semana. Assim, se configurava a coparticipação de Maria na Redenção desde a “Profecia de Semeão” até colocar o corpo de Jesus “no túmulo” (Nossa Senhora a Soledade). Esta é a catequese, anunciada – celebrada – ritualizada, que tinha por intuito levar aos participantes fiéis a se interessar pela Semana Santa.

 Por conseguinte, Antonio F. Lisboa, “o Aleijadinho”, soube utilizar do dom, das técnicas e da arte, para “anunciar” (comunicar) a Doutrina Católica. Parece-me que o tripé: Fé-Emoção-Razão=Devoção.

 As Lições Proféticas, segundo as imagens de Aleijadinho

1. Isaías: ... o anjo **purificou** os seus lábios para profetizar ... **purificar**
2. Jeremias: ... **chora** o desastre da Judéia, a ruína de Jerusalém e pede conversão ... **converter**
3. Baruc: ... predisse a vinda de Cristo: avisei aos piedosos ... **avisar**
4. Ezequiel: ... eu descrevi Deus num carro de fogo ... **descrever**
5. Daniel: “... fui libertado da cova dos leões: por graça de Deus ...” **libertar**
6. Oséias: ... Deus **insiste** em aceitar a sua Nação adúltera: quer desposá-la ...
7. Jonas: “... fui engolido, permaneci 3 dias e 3 noites na barriga da baleia, e estou chegando à Nínive ...” **fabuloso / estrondoso**
8. Joel: ... eu predisse à Judéia: o flagelo vai chegar ... **predizer**
9. Amós: “Fui pastor e depois profeta. Trago as vacas gordas e também os próceres ...” [os reconhecimentos futuros] ... **transformação**
10. Abdias: Acusa as Nações, anuncia a sorte, e a morte ... **acusar/anunciar**
11. Naum: ... o **castigo** vai cair sobre Nínive e **destruir** a Síria ...
12. Habacuc: ... **acusa** a Babilônia e a Caldéia, mas **canta glorificando a Deus**...

 Ir. José Mauro Maciel CSsR

 VI-XII-MMXIV

1. MORAES, 1977, p. 32. [↑](#footnote-ref-1)
2. MORAES, 1977, p. 33. [↑](#footnote-ref-2)
3. MORAES, 1977, p. 37. [↑](#footnote-ref-3)
4. MORAES, 1977, p. 38. [↑](#footnote-ref-4)
5. Museu Regional de S. João Del Rei, Cx 179, ano de 1759. [↑](#footnote-ref-5)
6. RAPM, ano I, vol. 1º, Ouro Preto, Imp. Of. MG, 1896, p. 163. [↑](#footnote-ref-6)
7. MORAES, 1977, p. 13. [↑](#footnote-ref-7)
8. RAPM, 1896, p. 165. [↑](#footnote-ref-8)
9. RAPM, 1896, p. 165. [↑](#footnote-ref-9)
10. RAPM, 1896, p. 165. [↑](#footnote-ref-10)
11. AEAM, N.S. Conceição de Ouro Preto, Livro de 1811-1821, Assentos de Óbitos, f. 251. [↑](#footnote-ref-11)
12. APM, SC-90, Livro de 1746-1749, Registro de Sesmarias, ff. 130v e 131. [↑](#footnote-ref-12)
13. AEAM, N.Srª da Conceição de Ouro Preto, Livro de 1741-1770, Assentos de Óbitos, f. 397. [↑](#footnote-ref-13)
14. RAPM, 1896, p. 166. [↑](#footnote-ref-14)
15. RAPM, 1896, p. 173s. [↑](#footnote-ref-15)